



O sol ao nascer brilhou sobre a moeda de prata.  
E aquela abriu subitamente os olhos e, dormente após tantas horas de sono profundo, espreguiçou-se. Estava tão húmido lá em cima! Sobre o telhado de telha daquela casa de campo de dois andares, na extremidade da aldeia.

«Bom dia», disse gentilmente à sua outra face.

Sem resposta.

«Muito bom dia!

Acorda, já amanheceu...» disse mais uma vez , ainda mais gentilmente.

Mas a outra sua face não respondeu. Nem hoje tinha respondido.

Como nunca tinha respondido, tanto quanto se lembrava. Por muito amavelmente que lhe tivesse falado, por tantas vezes que lho tivesse pedido.

Olhou para o sol que subia para o céu e sorriu.

«Porque é que não me falas?» voltou a dizer a sua outra face.

«Fala-me, eu estou tão só como tu.»

«Fala-me.»

«Eu sei, pode não te agradar a minha companhia, mas que podemos fazer? Somos apenas as duas faces de uma moeda. E seria bonito falarmos de vez em quando.

Não seria bonito termo-nos uma à outra?»

Mesmo assim a sua outra face não falava. Tinha-lhe implorado tantas vezes. Tinha-lhe implorado de todas as formas que conhecia. Mas não conhecia tantas como isso! Era apenas uma das faces de uma moeda pequena e barata. Nada mais.

«Boa noite» disse-lhe, dado que a noite caía...

\* \*

«Bom dia» disse docemente ao primeiro sorriso do sol.

Sem resposta. Porém, talvez ainda estivesse a dormir! Esperaria um pouco.

Esperou até que o sol subisse mais alto. Um sol dourado. Um sol que brilhava sobre a moeda de prata, no telhado daquela casa de campo de dois andares. E então ousou falar-lhe novamente.

«Está um dia lindo, não está?»

Mas ela não respondeu. Como nunca tinha respondido até àquele dia.

Porquê?

Não a tinha comovido o interesse pela a outra sua face?

Teria, por acaso, algum motivo para não lhe falar? Seria, por acaso, errado alguém querer saber sobre a outra sua face?

A ela não lhe parecia tão errado...

Por outro lado claro que poderia ela saber? Uma face de uma moeda pequena e barata, era o que ela era.

...

Seria que...

Claro que sim! Como não lhe tinha ocorrido antes? Isso é que era! Não podia ser outra coisa. Era isso, assim tão simples!

«Será que não podes falar?» disse-lhe.

«Será que queres, mas não podes falar?»

«Então, faz algum movimento, bate no telhado que eu compreenderei.»

«Se não podes falar, bate na telhado!»

Nada.

Nenhum movimento, nenhum ruído. No entanto por um momento cheguei a crer...

Só por um momento tinha crido que por fim acabaria por comunicar com a sua outra face.

Talvez com uma pancada na telha gramada.

Através de um movimento imperceptível trocariam impressões, pensamentos, sentimentos. Encontrariam novas maneiras de falar.

De falar!

As duas faces de uma moeda, num telhado na extremidade da aldeia. Duas faces sós, completamente sós.

Nada.

Nenhum movimento. Nenhum ruído. A resposta era simples. Não lhe queria falar.

«Boa noite» disse-lhe, e ficou a olhar o sol que se dirigia para oeste. Queria tanto chorar, mas não o faria. A sua outra face podia aperceber-se.

Poderia aperceber-se por um movimento subtil, por um suspiro que se lhe escapara.

Não, não podia chorar! Poderia aperceber-se a sua outra face. E por nada deste mundo a queria entristecer.

Ela era também uma face só, completamente só. Talvez mais só do que ela própria.

Mas então porque é que não lhe falava? Porquê?

Se estavam ambas, as duas faces, sós, completamente sós, num telhado na extremidade da pequena aldeia.

\* \*

Não lhe deu os bons dias naquela manhã.

Começou com uma pergunta que a tinha consumido toda a noite. Que a atormentava como nunca tinha sido atormentada, nenhuma das faces, de nenhuma moeda em nenhuma aldeia do mundo.

«Será que me odeias» perguntou, e com dificuldade conteve um calafrio, uma lágrima no canto dos seus olhos.

«Será que me odeias porque posso ver a aldeia e o sol?»  
«Será que me odeias porque estás sempre voltada para o telhado?»

«Diz-me! Diz-me, por favor...»

Sem resposta.

«Mas sabes que não é culpa minha... Lembras-te, não é verdade?»

«A culpa é daquele menino travesso que nos lançou para este telhado!»

«Diz-me. Diz-me que te lembras...»

«...Fala-me, por favor. Eu também sou uma face de uma moeda pequena e barata. Fala-me! Fala-me de ti! Diz-me algo! Sou a outra tua face!»

Então, desesperada, começou a descrever-se.

Era talvez uma face comum. Uma figura de mulher com traços finos, um nariz bonito e uns olhos simpáticos.

Uma mulher cativa para sempre num telhado de uma casa de campo de dois andares.

«Fala-me de ti», disse-lhe.

«Diz-me com que te pareces!»

«Podemos ser amigas! Podemos, se quiseres, ser as melhores amigas! As melhores amigas de todas as faces, de todas as moedas.

As melhores amigas da aldeia toda. De todo o país. Do mundo inteiro, se me disseres algo.

Só uma palavra!

Se me disseres que o queres!»

«E então, eu existirei só para ti! Ainda que não me voltes a falar...»

Silêncio. Absoluto silêncio... Mas porquê?

Ela era também uma face só, completamente só, talvez mais só do que todas as faces do mundo...

...

A partir daquele dia começou a descrever-lhe o que

via.

Não lhe pedia que lhe falasse. Não pedia mais. Simplesmente lhe falava sem lhe pedir nada.

Falava-lhe da aldeia e do bosque próximo. Falava-lhe da grande estrada entre as casas e o mercado. Falava-lhe do sol e das nuvens. Dos pássaros no céu. Dos sinos que tocavam aos domingos.

A partir daquele dia a vida desta face deixou de ser a mesma. Descrevia o que via, e já não pedia nada.

Não sabia se era bom ou mau o não querer saber sobre a sua outra face. Porém a sua vida era melhor a partir daquele dia. E sentia-se menos só, muito menos só do que qualquer outra face, em qualquer outro canto da aldeia.

Era uma face menos só.

\* \*

Pela primeira vez desde que estavam naquele telhado, rebentava o temporal. O primeiro temporal do inverno.

E estava tão feliz por as gotas grossas caírem sobre ela. Por estar a proteger a sua outra preciosa face!

O vento tornou-se muito forte.

Tão forte que as telhas começaram a tremer. Tremiam tanto, como nunca tinham tremido as telhas da casa de campo de dois andares.

E então o desastre ocorreu!

Tão rápido que nenhuma das faces, em nenhum canto do mundo, compreenderia o que se passava...

Simplesmente sentiu que rolava no telhado gramado.

\* \*

Havia tanta, mas tanta humidade lá em baixo!

Lá em baixo, no meio do jardim de uma pequena casa de campo na extremidade da aldeia.

Não obstante, era uma face ainda mais feliz! Contudo, era uma face enterrada na lama. A face de uma mulher com traços finos, enterrada na lama.

E no entanto estava tão feliz!

A sua outra face podia ver novamente as nuvens. Os carros e as ruas. Os sinos e os bosques.

Na sua outra face, batia-lhe o sol!

Sim, estava tão feliz. Tão feliz como nunca tinha estado nenhuma face, de nenhuma moeda, em toda a aldeia.

E a sua outra face certamente lhe falaria. Aquela face que até então nunca lhe tinha falado.

De certeza que agora lhe descreveria tudo. Tudo o que visse. As montanhas e os bosques. A aldeia e as casas. O sol e as nuvens...

Ainda que aquela não a pudesse ouvir. Ainda que aquela não lhe pudesse falar. Ainda que fosse enfim uma face enterada na lama.

Eram, no entanto, duas faces menos sós. Menos sós do que quaisquer outras faces, naquela pequena aldeia de casas de campo.

E então o desastre ocorreu!

Tão rápido que nenhuma face, em nenhum canto do mundo compreenderia o que se passava.

Mas infelizmente ela tinha... Ela tinha infelizmente antecipado e compreendido tudo...

\* \*

...Não havia mais humidade.

Era uma face limpíssima, em lugar destacado da coleção daquele colecionador. E era, de verdade, a peça mais estranha, mais curiosa da coleção.

Era uma moeda rara e caríssima.

Uma moeda realmente única!

Uma moeda que nunca nenhum colecionador tinha jamais encontrado!

Aquela moeda na caixa de cristal no meio da grande coleção era — e não me perguntem como nem porquê — uma moeda com uma só face!

Sim, ouviram bem!

Uma moeda com uma só face.

...Uma face tão só,  
como nenhuma outra face, em nenhuma outra moeda,  
em nenhum outro lugar do mundo.

*17 a 18 de Dezembro*



Seria seguramente a maior livraria da cidade.

Tantos livros juntos num só lugar. Espalhados pelos balcões de madeira. Alinhados em prateleiras sem fim. Prateleiras que chegavam até ao teto.

Estantes em fila, uma atrás da outra. E gente. Tanta gente. Pessoas de todas as idades e tipos estavam lá naquela livraria. A maior livraria da cidade.

Porém ali, na última estante de livros da fileira, na prateleira mais alta de todas, havia um livro solitário.

Tão solitário, que não lhe importava a multidão na livraria — uma confusão de pessoas de todo o tipo. Tão só que não se importava com as inúmeras prateleiras e balcões de uma livraria indiferente. Tão friamente indiferente.

Este livro tem a sua própria história...

...

...Uma certa manhã acordara ao lado de uma máquina estranha de uma tipografia. Acordara amarrado a muitos outros livros idênticos. Deviam ser idênticos a ele. Mas não se lembrava de pormenores. Voltou logo a adormecer.

Aquele livro — recordo — nascera cansado.

A segunda vez que acordou foi porque sentiu uma mão que o segurava com força. Foi um lindo despertar. Mas não durou. A mão abriu-se e o livro foi colocado no seu lugar. Foi provavelmente a mão do livreiro.

E é nesse lugar que ainda hoje se encontra. Exatamente no mesmo lugar. Na última estante de todas, na última prateleira de cima, algures à direita...

...

Por muito, muito tempo esperou que alguém o visse. Que alguém o fosse buscar. Esperava que aquela senhora que se aproximava, fosse para ele.

Para pegar nele, para o ver, para o levar com ela para casa, para uma estante mais pequena, mais bonita, mais acolhedora, cheia de bonitos e coloridos livros.

Para ele adquirir assim também uma casa. Ele, um livro solitário.

E para onde tinham ido os outros livros idênticos? Para outra prateleira? Para os balcões talvez?

A seu lado não havia outro como ele. Este pequeno e lindo livrinho apertado entre livros grossos, como enciclopédias, na última prateleira, da última estante, da primeira — e então? — livraria da cidade. Uma tragédia.

Devia ter havido algum tipo de engano.

No entanto os dias passavam e nenhuma mão o tocava — Qual? Este! Um livro que precisava de um toque, mais do que qualquer outro livro, em qualquer outra estante, em qualquer outra livraria do mundo.

Um livro tão solitário.

Os dias passavam e nenhuma mão o tocava. Nenhum dos outros livros lhe falava. Tinham-lhe — outro estranho jogo de sorte — voltado as costas! Quais?

Aqueles livros altos e sem graça, grossos como enciclopédias!

Lá em cima, então, na última prateleira, da última estante do mundo, havia um livro que um dia odiara todos e tudo...

Ele odiara todos os balcões com os livros multicolores. Odiara as pessoas que os compravam, odiara os próprios livros. Odiara os caixas e os vendedores. Odiara o proprietário baixo e careca, as prateleiras e as estantes pretas. Os livros ao seu redor, o teto e as grandes lâmpadas brancas...

Odiara-se a si próprio. Odiara até o seu escritor.



Qual? Este! Um livro que a única coisa que um dia quisera fora um toque. Uma simples carícia. Um livro que a única coisa que um dia quisera, fora amor!

Lá em cima, na última prateleira, da última livraria da cidade, havia um livro que, um dia, odiara o mundo.

\* \*

Os dias passavam lenta e dolorosamente. A capa perdia a sua cor e as páginas já quase amarelecidas pelo tempo e pelo ódio.

E depois? De qualquer modo já ninguém mais o compraria. Ninguém jamais lhe daria atenção. Um livro infeliz. Um livro só, na última prateleira, de uma estante, de uma livraria. Um livro sobre...

Sobre o QUÊ?

Nunca se inteirou! Nunca soube! Mais ainda, nunca, mas nunca até agora tinha pensado nisso. Nunca pensou que livro seria!

Não sabia que livro era! Porque ele nunca aprendera a ...ler!

Este livro era um livro que não sabia ler!

Uma comédia.

...

A partir daquele instante começou a questionar-se. Que poderia ser? Seria por acaso algo de realmente belo?

Ora! As pessoas compram o que é bonito. Era de certeza um livro sem êxito.

Um livro que não merecia sequer que o olhassem, que o abrissem, que o folhassem, que o levassem para casa, para uma pequena estante bonita com livros multicolores, vinculados a ouro.

Seria algo de friamente indiferente, isso é que seria! Uma tese talvez sobre as causas da queda de cabelo.

Não! Tê-lo-ia visto o proprietário que é baixo e calvo!

Um livro aborrecido de matemática?

Sim, os matemáticos encontram coisas assim, descobrem-nas!

O que poderia ser? E como tinha esperado tanto tempo para que o levassem, se ele mesmo não sabia quem era? E a quem perguntar para o saber? A quem? A quem? A quem?

Era um livro solitário, na última estante, na prateleira de cima, algures à direita. Um livro — talvez o único em toda a livraria, a maior livraria da cidade — que não sabia ler.

E as letras que carregava nas suas páginas, letras belas, caligráficas, não lhe diziam nada...

Absolutamente nada.  
As letras, como veem, não falam senão àqueles que as sabem ler.  
As letras são tão, mas tão orgulhosas!

\* \*

Se ele conhecesse, pelo menos, o seu título. Nada mais. Só o seu título! Para entender, pelo menos, que é um livro enfadonho sobre as causas da queda do cabelo. Um livro, que seja, para colecionadores matemáticos. Algo!

Nada. Uma tragédia. Não havia maneira nenhuma. Não havia ninguém que o ajudasse. Era um livro, um livro só, no fundo de uma livraria, nos confins de um mundo, de uma galaxia de livros sem importância.

Um livro no topo das letras sem sentido.

Era mais uma vez um livro infeliz.

Já não odiava mais nenhum dos outros livros, não odiava tão pouco os balcões, nem as pessoas que iam e vinham sem parar, nem os vendedores, nem os tetos, nem as lâmpadas grandes e brancas. Não odiava nada nem ninguém.

Mas era ainda um livro tão vazio. Talvez mais vazio do que antes.

Era um livro tão só, emprisionado numa estante, algures na cidade. Numa cidade, algures no planeta. E então?

Já nada lhe importava. Nem sequer o facto de que via o mundo através da lombada de um pequeno livro. E então? Poderia ele também ser igual ao livro que estava ao seu lado. Ainda que a seu lado estivesse um livro grande e sem graça como uma enciclopédia.

Nada mais tinha importância. Era um livro sem conteúdo!

Talvez na realidade estivessem escritas as mesmas palavras em todos os livros. Talvez não tivesse sido por casualidade que o puseram naquela prateleira. Talvez aqui tivesse de ser posto. Junto aos livros grossos como enciclopédias.

AQUI! Na última prateleira! Na última prateleira de cima, algures à direita, da última estante, da primeira — e, então? — livraria da cidade.

Talvez fosse aqui o seu lugar!

E então? Tantos e tantos não se encontravam ali?

\* \*

Seria tão belo se as suas páginas fossem brancas, não é verdade?

Saberia então que era, na realidade, um livro sem conteúdo. O único livro sem conteúdo em todas as prateleiras, em todas as estantes, em todas as livrarias do mundo.

Contudo não existem livros sem conteúdo! Em lugar algum encontrarás livros sem conteúdo! Em qualquer livraria do mundo que procures!

Porquê?

Porque deveria ter nascido? Porquê? Porquê?

Queria que estivesse ali alguém para lhe dizer. Queria que estivesse ali o seu escritor.

...

Havia então alguém que o tivesse escrito?

E se era simplesmente um livro defeituoso? Um livro fruto de um erro naquela máquina, naquele dia, no primeiro dia que recordava? Se era apenas um erro? Um livro sem sentido? Então?

Então seria somente um erro! E daí? Não era um erro en-

contrar-se ali, um livro só nos confins do mundo?

**NÃO ERA UM ERRO?**

E se era um livro que alguém tinha escrito segundo um plano? Após muita reflexão e segundo um plano? Sim... talvez... pode ser. É o mais provável.

Mas se não lhe agradava? Se era um livro cujo conteúdo — incrivelmente estudado — não lhe agradava?

Se era um livro cujo conteúdo agradava ao seu escritor mas não ao próprio livro? Então o quê?

Então ainda pior! Não haverá erro! Estarei condenado para sempre! Um livro planeado corretamente para agradar ao escritor! Porquê?

Porque é que não me perguntou? Não sou eu que pago tudo? **EU. EU!** Eu, escondido para sempre numa prateleira, num canto de uma livraria!

**EU E SOMENTE EU!**

...

Era um livro que gritava.

Que gritava sozinho, incrivelmente sozinho, tanto que nunca nenhum cliente o tinha imaginado, nenhum proprietário, nenhum vendedor, nenhum escritor até aos confins do mundo.

Um livro que soluçava, que chorava! Que encharcava as suas páginas de papel.

Porque já não tinham mais importância...

\* \*

Porque nunca tinham tido importância. Nem elas, nem os títulos em letras grandes...

Para este livro nada tinha importância! Porque era um livro sem conteúdo, um livro que fechava dentro dele o tudo e o zero.

Era um livro só no limite do universo. E fechava irracionalmente dentro dele o universo.

Este livro não tinha necessidade de um título.  
Como nenhum livro tem necessidade de um título!

Este livro não tinha necessidade de um escritor.  
Como nenhum livro tem necessidade de um escritor!

Este livro não queria nada! Não queria, nem vendedores, nem balcões, nem estantes, nem prateleiras, não tinha valor e não tinha preço.

Este livro — tal como cada livro — se quisesse um título pô-lo-ia ele próprio! Se quisesse um conteúdo, ele mesmo o escreveria!

E seria um livro para crianças.  
Um livro com cores e músicas...

...

A gente foi-se embora, e o proprietário baixo e calvo apagou as luzes e fechou à chave a pesada porta de ferro.

Mas ali, na escuridão e no silêncio, só entre tantos livros, um pequeno livrinho perdido na última prateleira da última estante do mundo, gritava só aos outros livros!

E implorava que eles apagassem os títulos das capas. Que apagassem os textos das contracapas. E que simplesmente se tocassem uns aos outros.

Um livro louco, encharcado dir-se-ia na humidade da noite, gritava trémulo aos outros livros.

Gritava trémulo, mas ninguém o ouvia...

...Não queriam segundo parecia perturbar a ordem!

E contudo não precisavam de perguntar a ninguém!

Eram pura e simplesmente livros nos confins do mundo que não necessitavam de escritores nem de vendedores, de compradores nem de proprietários.

Eles tinham necessidade deles, mas nunca os tinham questionado.

Condenaram-nos a algumas prateleiras, empilhados em algumas estantes do mundo.

E nunca lhes perguntaram.

No entanto aqueles é que pagavam o preço — livros sós no

limite do universo...

...

Este era também um livro a quem nunca questionaram. Que gritava sozinho, que berrava naquele limite do mundo.

Um livro engraçado! Um livro sem nome nem conteúdo, que gritava aos outros livros e os chamava para perto dele, até que as lágrimas dissolveram as suas páginas vazias...

Era este também um livro que um dia amou os outros livros.

E é estranho como é que dentro de um livrinho tão pequeno, numa prateleira tão pequena, de uma estante nos confins do mundo, pôde caber de uma vez...

*tanta* felicidade!

*(Na noite de 16 para 17 de Dezembro)*